



## **Caso para reflexão: escolas na estação**

*“Pediram a ela que fizesse o possível, mas ela dedicou sua vida a fazer o impossível.”*



*Esse caso é um esforço de tradução e redação livre e uma homenagem a uma empreendedora social inspiradora que rompeu barreiras com ações aparentemente simples e atos de solidariedade.*

Uma educadora, percorrendo seu caminho diário no trem. A visão da janela? Crianças, crianças e mais crianças. Pobres, fora da escola, se oferecendo por dinheiro, roubando... Não foram imagens que ficaram somente na passagem, mas que a fizeram pensar: “preciso fazer alguma coisa!”.

Um dia sentou em círculo com um pequeno grupo e ofereceu um pouco do que sabia fazer: educar, ensinar a escrever. Com olhos ressabiados, as crianças olhavam e algumas questionavam: “o que uma pessoa como você quer com uma pessoa como eu?”.

Foram 11 crianças, entre 10 e 11 anos! Esses começaram a participar com mais frequência e aprenderam letras e contas. “Se souberem ler, escrever ou calcular poderão ter a chance de mudar seu destino”, refletia a educadora.

Conseguiu umas colegas e os círculos de aprendizagem ganharam frequência. Pediu apoio do governo, mas não foi atendida. Com poucos recursos comprou giz, pequenas lousas, um ou outro material e continuou.

Quanto mais ela e suas colegas se aproximavam da realidade dessas crianças, mais entendiam que muito mais precisaria ser feito. Como lidar com o a baixa autoestima e a saúde fragilizada dessas crianças?

### **Para refletir:**

Qual o problema percebido por essa senhora?

Qual caminho ela optou por percorrer?

Quem mais sofreu impacto da ação dela?

E como próximo passo? O que você faria?



Conseguindo algumas doações e comunicando o máximo possível suas ideias, de anônimos a conhecidos, receberam um pouco, mas suficiente para que as crianças recebessem em dia de aula banho, comida e informações sobre doenças recorrentes em sua realidade. Teatro de fantoches atrás do lençol, flautas doadas... Mais crianças chegaram e a proposta foi crescendo.

Por mais que tentasse, já com um grupo de apoiadores, não obtive mesmo apoio governamental. Mas conformar-se não era o caminho. E a proposta continuou e cresceu para 5 escolas de estações de trem.

Crianças passaram a ler, escrever, aprender, higienizar-se e prevenir-se. Uma vitória!

Mas, que o tempo mostrou que mesmo assim, as crianças mais velhas, ainda assim buscavam gangues ou prostituição. A sensibilização sobre uma possibilidade de carreira teria que vir cedo para essas crianças. Elas precisam entender que há um caminho diferente cedo, precisam olhar para o futuro e vislumbrar uma forma de sustento. Novos rumos precisariam ser tomados...

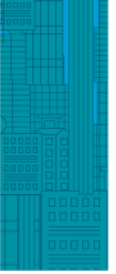
### **Para refletir:**

Havia obstáculos? Quais?

Alguém mais sofreu impacto da movimentação dela?

Tudo foi vitória?

E será que como está essa ação hoje?



Essa reflexão é baseada em:

**INDERJIT KHURANA (IN MEMORIAN)**  
**FUNDADORA DA RUCHIKA**  
<http://www.ruchika.org/index.htm>

Educadora, mobilizadora nacional na Índia pela educação, saúde e o fim da exploração sexual das crianças. Atingiu mais de 4000 crianças e suas famílias e criou uma organização que sobrevive ao seu nome

*“Pediram a ela que fizesse o possível, mas ela dedicou sua vida a fazer o impossível.”*

(Trecho da narração do documentário *New Heros: Train Platform Schools India*)  
<https://www.youtube.com/watch?v=glwJ0GkBol>

## **RESUMO (E TRADUÇÃO LIVRE) DO DOCUMENTÁRIO**

Rama não sabe sua idade, nem da sua irmã. Sua mãe que vive como ela e tem tuberculose, também não sabe responder. Nas estações de trem da Índia encontram-se diversas Ramas e meninos que pedem dinheiro, se prostituem e roubam para ter ao menos o que comer naquele dia. É a lei da sobrevivência. Essas crianças têm de cuidar de si, tomar suas próprias decisões e não tem esperanças de um futuro diferente. Muitas, adolescentes, já têm seus próprios filhos, inclusive.

Não é raro, mas é invisível aos olhos de um simples passante que existem gangues de crianças nesses lugares. De meninos apenas. Mas se olharem bem, de meninas também. Meninas que se vestem como meninos e escondem sua identidade real até a puberdade para conseguirem ser membros do grupo e sobreviver. Sem contar os pequenos atropelados na linha de trem... ou suicidas.

Inderjit, como educadora e usuária do trem se incomodava muito com isso. Via crianças e mais crianças, sujas, oferecendo seu corpo e longe, bem longe, de qualquer escola ou qualquer coisa parecida com educação.

Em maio de 1985, conseguiu reunir 11 crianças e tudo começou. “Se eu não posso levar as crianças à escola, então levarei a escola até elas”.

E, foi assim... Começou a reunir crianças na estação para ensiná-las. Sentadas em círculo, começou a pelo menos tentar ajuda-las a escrever e a conhecer os números. Ideia que foi, aos poucos funcionando, mas que dependia exclusivamente dela e de nenhum apoio. Percebeu, ainda que a maioria das crianças que encontrava era a primeira pessoa da família a ter qualquer contato com escola, nos seus círculos.



No início, metade das crianças desconfiava demais dela: “pessoas como você, que se vestem como você, não falam ou tocam pessoas como eu”. Mas, aos poucos eles a foram aceitando.

Com apoio de outras educadoras começou também a alimentá-los e banhá-los para que pudessem se sentir melhor. Criaram teatros de bonecos que falam de doenças, inclusive as sexualmente transmitidas.

Também os doadores foram se sensibilizando, e o projeto abraçou cada vez mais crianças.

O projeto aprendeu que meninos que vivem naquela situação precisam ser sensibilizados antes dos 14 anos. Depois disso, não se consegue mais convencê-los. Com meninas é mais difícil, precisava-se agir antes dos 10 anos.

As ações tornaram-se mais organizadas, o projeto foi crescendo e passou a incluir escolas vocacionais. A escola de costura, por exemplo, vem possibilitando uma nova vida às meninas e aquelas que se graduam, ganham de presente sua primeira máquina de costura. Do projeto saíram cozinheiros, motoristas... e alguns trabalham em grandes hotéis ou empresas.

Hoje são 5 escolas! Há voluntários educando, nutrindo e também médicos. Tudo é feito com muito pouco dinheiro, da própria Inderjit, ou de doadores. Ainda assim, o governo da Índia até hoje não apoia a iniciativa.